

Entre carnes e livros: a história de um açougue cultural (Brasília-DF)

Among meats and books: the story of a cultural butcher shop (Brasília-DF, Brazil)

Ines Ulhôa*

Resumo: Além de vender carnes, o que mais um açougue poderia oferecer? Livros, é claro. Parece inusitado, mas é a mais pura verdade. Um açougueiro em Brasília, Distrito Federal, coloca estantes de livros em seu estabelecimento para quem quiser pegar emprestado e programa noites culturais com debates, saraus e shows musicais, além de instalar estantes de livros em paradas de ônibus da cidade. Utopia? Loucura? Para Luiz Amorim, um sonho colocado em prática, um exercício de cidadania. Duas décadas depois, os eventos estão inseridos no calendário cultural da Capital do País e revolucionam o sentido das ações patrimoniais existentes. Os eventos do Açougue Cultural T-Bone, patrimônio agregador dos moradores da cidade, já atraem turistas do Brasil e do exterior. Trata-se de um saber-fazer cultural popular que compreende o patrimônio como marco identitário de um povo, pois patrimônio não é só constituído por fatos materiais e oficiais “dignos” de serem lembrados e muito menos por edificações “propostas para a eternidade”. É muito mais, abrange tudo aquilo que permita compreender o homem e sua cultura, aponta para histórias de vida, práticas e relações sociais.

Palavras-chave: Patrimônio. Cultura. Turismo. Identidade. Memória.

Abstract: Besides selling meat, what else could a butcher offer? Books, of course. It seems unusual, but it is the honest truth. A butcher in Brasília, DF, puts bookshelves in his establishment to anyone who wants to borrow them and programs cultural evenings with discussions, musical and concerts events in addition to installing bookshelves at bus stops in the city. Utopia? Madness? To Luiz Amorim a dream put into practice, an exercise of citizenship. Two decades later, the events are part of the Capital's cultural calendar of the country and revolutionized the meaning of the existing equity shares. The cultural events of the T-Bone butcher, a heritage aggregator of the city residents, are already attracting tourists from Brazil and abroad. It is a popular cultural know-how to understand the heritage and identity of its people as a reference, as equity is not just made up of material facts and official "worthy" of being remembered and much less for building "proposals for eternity". It is much more, it covers everything that allows us to understand the man and his culture, points to life stories, practices and social relations.

Keywords: Heritage. Culture, Tourism, Identity, Memory.

* Mestranda em Turismo/UnB

1 Introdução

Aquele que ouve ou lê uma história sobre outro alguém também faz um trajeto, que percorre cada letra, cada vírgula, cada pausa, cada pensamento. A liberdade do leitor para construir esse itinerário permite criar um caminho que leva a uma certa intimidade com a história pesquisada e o seu personagem principal. Foi assim que a história e o itinerário de Luiz Amorim, profissão açougueiro, já aclamados na imprensa, despertaram em mim a curiosidade e a intenção de contar o inusitado movimento cultural iniciado por ele. E é a partir desse recorte de realidade que este artigo pretende revelar outras histórias, outros conceitos sobre patrimônio e cultura na relação cidade, memória, patrimônio e identidade e suas representações sociais e culturais, que poderão nos servir de um outro olhar de moradores e de visitantes sobre a cidade de Brasília, pois, como disse Hannah Arendt,

... o mundo está cheio de histórias, de acontecimentos e ocorrências e eventos estranhos, que só esperam ser contados e a razão pela qual geralmente permanecem não contados é, segundo Isak Dinesen, a falta de imaginação (ARENDR, 2003, p. 88).

O fazer cultural do açougueiro Luiz Amorim desmonta o senso comum e reinterpreta a realidade – fazer cultura em um açougue? Misturar livros e carnes? Instalar estantes de livros em paradas de ônibus para quem quiser pegar emprestado, sem qualquer burocracia, sem sequer se identificar e devolver quando quiser? –, ao criar um sentido novo para o seu açougue e revolucionar o sentido das ações patrimoniais existentes.

Pois foi isso mesmo que ele fez. Tudo começou em 1994, quando Amorim iniciou o seu próprio negócio e resolveu colocar uma estante de livros dentro do açougue para quem quisesse pegar emprestado. A princípio, o ato causou estranheza em muitos. Mas ganhou simpatizantes, que doavam livros para o empreendimento inusitado. Quem não gostou nada disso foi a Vigilância Sanitária, que foi lá e fechou o açougue. Mas como não há normas que façam menção à presença ou não de livros em um açougue, o argumento da fiscalização pecou pelo autoritarismo. Porém, o destemido açougueiro conseguiu reverter a situação, ganhando a simpatia da mídia e da população, que o apoiou doando livros. As doações foram tantas que Amorim, no final de 2002, abriu uma biblioteca comunitária em uma rua próxima ao seu açougue cultural.

Foi em 1998, que ele iniciou o projeto *Noite cultural T-Bone*, que já faz parte do calendário cultural da cidade e atrai público de Brasília, do Distrito Federal, de cidades do Entorno da Capital, de vários Estados e até turistas estrangeiros. Começou com um evento dentro do açougue para 30 pessoas. Nas edições seguintes, o público só aumentava e as atividades ganhavam a rua. De 30 pessoas para 20 mil, que foi o público estimado no evento que trouxe o cantor Zé Ramalho, no dia 26 de maio/2011. Das noites culturais do Açougue T-Bone já participaram grandes nomes da música popular brasileira, como Elba Ramalho, Erasmo Carlos, Geraldo Azevedo, Jorge Mautner, Belchior, Tom Zé, Moraes Moreira, Chico César, Guilherme Arantes, Milton Nascimento.... e muitos outros, além de atrações internacionais, como a Orquestra de Viena. A simpatia pelo evento é tanta, que muitos músicos de repercussão nacional já se ofereceram para tocar lá.

Em 2008, Luiz Amorim inova mais uma vez ao inaugurar o projeto *Parada Cultural – Biblioteca Popular 24 horas*, instalando estantes de livros em paradas de ônibus da Asa Norte de Brasília, também para quem quiser pegar emprestado, ler e devolver os livros sem qualquer anotação. Luiz Amorim, que trabalhava como vigia e engraxate antes de ser contratado, aos 12 anos, por um açougue situado na rua comercial 312 norte, em Brasília, e só conseguiu ser alfabetizado aos 16 anos e leu seu primeiro livro aos 18, é o responsável por dar um sentido novo a lugares da vida cotidiana e, nesse espaço público, exortar a presença da memória, da identidade, da cidadania e do patrimônio cultural.

2 Patrimônio histórico-cultural e lugares de memória

Tomar como objeto de reflexão esse saber-fazer cultural do açougueiro Luiz Amorim nos leva a tentar entender o patrimônio histórico-cultural a partir de sua significação simbólica dotada de sentido para uma coletividade. Esse patrimônio pode ser percebido como um semióforo, um acontecimento que pode possibilitar, acredito, novos olhares, novas percepções sobre a questão do patrimônio cultural e seus significados. Segundo Marilena Chauí, a partir da obra de Krisztoff Pomian,

semióforo é alguma coisa ou algum acontecimento cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica, por seu poder para estabelecer uma mediação entre o visível e o invisível, o sagrado e o profano, o presente e o passado, os vivos e os mortos, e destinados exclusivamente à visibilidade e à contemplação, porque é nisso que realiza sua significação e sua existência (CHAUÍ, 2006, p. 117).

Na história de Brasília, e, muito possivelmente, em nenhuma outra cidade do Brasil, se tem notícia de fato parecido, por isso esse saber-fazer cultural e popular se veste de importância para análise, considerando que patrimônio não é só constituído por fatos materiais e oficiais “dignos” de serem lembrados e muito menos por edificações “propostas para a eternidade”. É muito mais. Abrange tudo aquilo que permita compreender o homem e a sua cultura, aponta para modos de vida, práticas e relações sociais. E, ao caracterizar o patrimônio como espaço de relações humanas, enquanto suporte da memória social coletiva, é que concordamos com Pierre Nora, para quem

a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

Também em consonância com Suzana Gastal, quando ela afirma que, no atual momento turístico, em que a atividade impõe a sua força social e econômica, a cultura deve ser deslocada para suas implicações sociais em termos de identidade e memória. Para tanto, ela sugere lançar um olhar sobre o turismo cultural para além de sua apresentação com mero diferencial mercadológico. E um dos itens mais apropriados pelo turismo cultural, segundo Gastal, é o patrimônio histórico, no qual estão inseridos os bens culturais. Ainda em sua argumentação, um bem cultural é, em geral, parte significativa da memória local, e ao focar em casos incomuns – cito aqui o do Açougue T-Bone – utiliza-se a categoria “lugar de memória”, que incorpora em sua reflexão “uma concepção que remete diretamente à afetividade, integridade e identidades locais” (GASTAL, 2002, p. 71).

Para Gastal, a memória de uma localidade pode estar presente na produção cultural de seus moradores. Diz ela:

É a memória do lugar que fica registrada na música, nos versos dos poetas [...] As diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em *lugares* únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visita. Lugares que não apenas têm memória, mas que para grupos significativos da sociedade, transformam-se em verdadeiros *lugares de memória* (GASTAL, 2002, p. 76-77).

Ao contextualizar o caso do Açougue T-Bone como patrimônio cultural da cidade de Brasília, no sentido de que patrimônio é percebido também como espaço de relações humanas, podemos analisá-lo enquanto suporte da memória social coletiva, entendendo que, diferentemente da memória individual, a memória coletiva resulta de interações sociais e processos comunicacionais. Ela tem a importante função de

contribuir para o sentimento de pertencimento dos grupos sociais à cidade. A sua construção implica referências a partir da compreensão de que a cidade “é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos” (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Neste sentido, Paolo Rossi argumenta:

O mundo em que vivemos há muito tempo está cheio de lugares nos quais estão presentes imagens que têm a função de trazer alguma coisa à memória. Algumas dessas imagens [...] nos remetem ao passado de nossas histórias, à sua continuidade presumível ou real com o presente. Nos lugares da vida cotidiana, inúmeras imagens nos convidam a comportamentos, nos sugerem coisas, nos exortam aos deveres, nos convidam a fazer, nos impõem proibições, nos solicitam de diversas maneiras (ROSSI, 2007, p. 22).

Por isso também a importância de conhecer e refletir a história da Capital do País como Patrimônio Cultural da Humanidade nos seus contextos e como resultado da ação de seus moradores, repleta de lembranças a serem contadas e recontadas na tessitura do tempo, numa referência à materialidade da cidade como “fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar, em proximidade, propicia” (PESAVENTO, 2007, p. 14).

3 Cultura, turismo e criatividade

Sabe-se que a empresa de Luiz Amorim, de acordo com a sua página na internet, tem como especialidade a venda de carnes bovinas, suínas e a organização de serviços de bufê (almoços, churrascos etc.). Como, então, configurá-la como patrimônio carregado de referências identitárias, palco de manifestações culturais e como agregadora de pessoas que vivem e ou visitam a cidade, ao se apropriar da rua?

Ora, é a partir de fatos como esse que é possível pensar a cidade como patrimônio, que, por sua vez, nos remete ao território, ao lugar, à paisagem, ao espaço, às datas, aos personagens históricos, às tradições e aos costumes – é o “sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”, como disse Milton Santos, ao se referir ao território usado como sendo “o chão mais a identidade” e “o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 1999, p. 8).

O fato de um açougue se tornar também ponto de cultura, e nessa perspectiva se distinguir, produzindo representações e valores, que, por sua vez, poderiam produzir memórias e identidades, é que nos possibilita entender que referências como essas possam permitir a cidade ser vista como lócus de vivência, da experiência do indivíduo com seu entorno. Além, é claro, de possibilitar o chamado turismo cultural. Afinal, a cultura “indica que o domínio público, que é politicamente assegurado por homens de ação, oferece seu espaço de aparição àquelas coisas cuja essência é aparecer e ser belas” (ARENDT, 2002, p. 272).

Estabelecer relações acerca das formas variadas, sob as quais se consubstanciam a apropriação do espaço e onde a memória se refugia, como este caso emblemático do Açougue Cultural T-Bone, impõe concordar com Hannah Arendt, para quem o homem só alcança o mais alto nível de desenvolvimento na ação. Para ela, a ação está na esfera pública e é “a única atividade executada diretamente entre os homens, sem o intermédio das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o homem, vivem na Terra e habitam o mundo” (ARENDT, 2005, p. 15). Ao agir, o homem transforma sua essência. Os homens somente são livres enquanto agem, “pois ser livre e agir são uma mesma coisa” (ARENDT, 2005, p. 199).

Sugere ainda pensar como e de que forma conhecer a cidade além de seus monumentos, seu patrimônio cultural pensado e consentido por seus habitantes, no sentido de que patrimônio cultural hoje designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade. É tudo aquilo que permita compreender o homem e a sua cultura, aponta para modos de vida, práticas e relações sociais. Visão essa já expressa na Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 216, quando se refere ao patrimônio cultural como qualquer manifestação material ou imaterial que seja representativa do homem e da cultura (BRASIL, 1988):

Art. 216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. [...] (BRASIL, 1988).

Toda prática social e cultural é ideológica e simbolicamente marcada, principalmente se ela é resultado da liberdade criativa de indivíduos autônomos e independentes da indústria cultural. Para isso, a cidade é palco, lócus privilegiado para a formação cidadã e para o exercício da cidadania, com as suas devidas implicações, ou seja, as experiências e ideias, os valores e as obras, que, com sentido libertário, possam orientar novas práticas, sociais, políticas e culturais.

Mais do que exercício de reflexão, a cidade, representada em suas diversas manifestações, sejam estéticas ou político-culturais, é o “lugar onde agem forças múltiplas: produtivas, territoriais, de formação e pressões sociais” (MENESES, 1985, p. 199), e por isso pode adquirir como patrimônio, além das obras de valor arquitetônico, outros elementos que revelam a vida, a convivência, as tensões e a ação criativa de seus moradores.

Tal constatação impõe a construção de uma relação entre memória social, temporalidades e identidade, que remete para a questão de lembrar-se e ser lembrado, de que nos fala Arendt:

Se os mortais conseguissem dotar suas obras, feitos e palavras de alguma permanência, e impedir sua perecibilidade, então essas coisas ao menos em certa medida entrariam no mundo da eternidade e aí estariam em casa e os próprios mortais encontrariam seu lugar no cosmo, onde todas as coisas são imortais, exceto os homens (ARENDE, 2002, p. 72).

4 Considerações finais

As reflexões aqui levantadas permitem um amplo e rico debate que não se esgota tão facilmente. Portanto, não comportam resultados conclusivos, mas levam a conhecer e a valorizar elementos outros que possam vir a compor um patrimônio cultural de uma cidade, como essa iniciativa do açougueiro Luiz Amorim. Igualmente, se torna cada vez mais relevante o estudo e a compreensão das identidades forjadas nessas novas interpretações do fazer cultural, “nesse quadro de re-simbolização e revalorização dos sentidos e funções culturais” (DIEHL, 2002, p. 112).

Assim é que nos permitimos procurar compreender que a razão principal para esse conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo – a cultura –, está justamente nesta entrada em cena de novas formas integradoras da vida social e cultural. Indivíduos pautam suas existências procurando dar sentido à sua práxis não no sentido do ser individual, mas na dimensão do ser

social, tal como Karl Marx e Friedrich Engels um dia apregoaram que as “ideias nunca podem *executar absolutamente nada*. Para a execução das idéias são necessários homens que ponham em ação uma força prática” (MARX; ENGELS, 2003, p. 137).

Do mesmo modo, segundo Norbert Elias, a sociedade “somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas”. Para ele, a sociedade

só existe porque existe um grande número de pessoas, e só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular (ELIAS, 1994, p.13).

É sabido, pois, que a consagração de manifestações culturais espontâneas, como a empreendida pelo açougueiro-militante cultural, só se realiza pelo grau de envolvimento de outros agentes sociais. Nessa perspectiva, estão em jogo a memória e a identidade, interpretadas pela subjetividade dos atores, na medida em que encontra ressonância na vivência do fato em si.

Podemos, então, afirmar que um patrimônio histórico cultural de um povo é tudo aquilo que lhe confere identidade, na medida em que é também espaço de relações humanas e, portanto, um campo para vivenciar experiências e para afirmar o direito à cidadania em sentido pleno ■

Referências

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 5 out. 1988. p. 1. Anexo. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 13 set. 2011.
- CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DIEHL, Astor Antonio. Memória e identidade: perspectiva para a história. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memórias*. Passo Fundo: UPF, 2002.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.
- GASTAL, Suzana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In: GASTAL, Suzana. *Turismo: investigação e crítica*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. O museu na cidade X a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 197-205, set. 1984/abr. 1985. <http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=32>. Acesso em 13 set. 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2011.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento*: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. *Revista GEOgrafia*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 7-13, jun. 1999. <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/2/2>>. Acesso em: 13 set. 2011.

Recebido em 15.06.2011

Aceito em 23.08.2011